







COMPANHIA DAS LETRAS

FLORES
Afonso Cruz

Ao Tó Manel

«Haverá sempre flores para aqueles que as quiserem ver.»

Matisse

...

«Não nos rendemos. Recomeçamos.»

Lars Gustafsson

...

«Entremos mais dentro na espessura.»

São João da Cruz

Estava junto aos escombros do meu pai, com os restos dos nossos sentimentos à deriva. O meu corpo ainda dizia o nome dele muito baixinho, como se fosse sangue a correr nas veias. As lágrimas não caíam, ficavam suspensas numa antecâmara qualquer do coração ou lá de que lugar é esse onde as lágrimas são laboriosamente fabricadas.

A Clarisse estava ao meu lado. Estávamos de braço dado, ela tinha a cabeça encostada ao meu ombro.

Atrás dos meus óculos escuros via as pessoas no enterro, a Carla estava tão bonita, de preto, com a dor no rosto, os cabelos lisos e as coxas a sair do vestido curto, mas não podia pensar naquilo, era o enterro do pai, ainda por cima a Carla é minha prima direita. Os destroços da morte por todo o lado, nas caras das pessoas, nas recordações. A mãe gritou algumas vezes, Zé, Zé, Zé, era o nome do meu pai, e foi nessa altura que me caíram umas lágrimas, não tanto por ele, naquela serenidade de cadáver, mas pela dor da mãe, tão pungente e catártica, tão siciliana na sua forma de se manifestar, cada Zé que ela gritava era uma facada no ar, Zé, Zé, Zé.

O calor era tanto, o suor escorria-me pelas costas abaixo, não, não era suor, era a língua da morte a lambe-me

a coluna de cima para baixo, a arrastar-me para o chão, a língua quente dessa estranha entidade que nos transforma em terra, que transforma tudo em terra. Sentia-lhe o hálito a flores, porque ela não fede como seria crível, tem o bafo das coroas de rosas e margaridas e gladiolos com que enfeitamos os caixões e mais tarde as campas. Cheira tudo a flores, o fim das coisas cheira a flores, não é a esgoto e a podre. Zé, Zé, Zé, gritava a mãe, e a morte a lamber-nos as costas, sem parar, com a ponta da língua muito fina a passar pelos corpos dos vivos, como quem toma um aperitivo.

E, enquanto o padre mandava o pó voltar ao pó, eu abençoava Deus com blasfêmias.

As lágrimas não são todas iguais. Quimicamente, as lágrimas provocadas pelo descascar de uma cebola são diferentes daquelas que choramos quando enterramos o nosso pai. As lágrimas, todas elas, contêm óleos, anticorpos e enzimas. As que chorei nesse dia em que atirei uma pá de cal para o buraco onde enterraram o pai tinham, além das partículas que o microscópio detecta, a tristeza imensa de não podermos partilhar mais uma garrafa de vinho. Uma coisa são lágrimas de cebola e outra são lágrimas do coração. Nesse dia usava óculos escuros, *ray ban* dos anos setenta, lentes verdes, aros dourados. A tia Dulce dizia que o pai era maravilhoso, uma espécie de templo de Artemisa, e eu dizia que sim, que era, com certeza que era, e depois veio o tio Henrique, com a barriga enorme, chegava sempre uns minutos à frente dele, e a coçar as partes antes de dizer que sim senhor, o pai era do caraças, era um grande jogador de *bridge* e sabia fazer, com o lenço, coelhos e outras formas, a que dava vida com uma espécie de ventriloquismo. Aquilo a mim parecia-me uma doença que dava ao pai, uma coisa incontrolável: puxava o lenço, assoava-se, e depois dava-lhe um nó e a forma da cabeça de

um coelho, falava fininho e eu desatava a chorar, não sei porquê, mas detestava aquilo, metia-me um medo ancestral, uma coisa que se entranhava corpo adentro como se bebesse uma aguardente.

Voltámos para casa, eu, a Clarisse e a minha filha, a Beatriz, logo depois de um almoço de bitoques num restaurante que ficava mesmo em frente ao cemitério de Benfica.

A tarde ia mais ou menos a perseguir os meus passos, predadora, quando descí as escadas para ver o correio. A percebi-me de um vulto junto a mim. O sol entrava e furava-me os olhos através de uma pequena janela do prédio, levantei a mão, fiz uma pala com ela, percebi que era o senhor Ulme, o vizinho do lado. Cumprimentei-o. Olá, disse eu, olá, disse ele, vim ver o correio, eu também. Pareceu-me que tinha envelhecido alguns anos desde a última vez que o vira, uns meses antes. Vemo-nos muito pouco, ele quase não sai e eu não sou uma pessoa propriamente social. Disse-lhe que o Verão parecia estar a favorecer os lagartos ao sol, que estava um calor do tamanho de um planeta a matar-se. Ele sorriu. Tinha lábios grossos, olhos pequenos debaixo de sobrancelhas que eram verdadeiras quedas de água pilosas. Não sei porquê, mas tive vontade de o convidar para um café. Nunca o havia feito e ele vivia na porta do lado há mais de sete anos. Tomamos um café? Ele disse que sim.

Enquanto subíamos, eu ia atrás, via o seu rabo enorme a balançar. Ele usava umas calças de linho transparentes, que deixavam ver as cuecas. Subimos o patamar e ele encostou-se

à parede para me deixar passar. Abri a porta, convidei-o a entrar.

Levei-o para a sala, esteja à vontade, e fui fazer o café.

Quando voltei da cozinha, ele tinha pegado numa das revistas pornográficas que eu guardava numa estante do século XVIII, de mogno avermelhado. Tenho uma colecção relativamente grande, especialmente dos anos sessenta, setenta e oitenta do século XX.

— Nunca tinha visto.

— O quê?

— Uma mulher nua.

Parei no quiosque para comprar o jornal. As notícias não eram boas, como quase nunca são, os atuns extinguem-se, a fome continua a matar, os índios desaparecem, os dentes caem, a malária, a tuberculose, o cancro, o desemprego, a gripe das aves, o nervosismo dos mercados. De resto, não é preciso ler o jornal, as notícias estão marcadas na cara das pessoas. Quando entrei em casa, a televisão estava ligada e a Clarisse dormia no sofá. Passei pelo quarto de hóspedes, a porta estava entreaberta, e reparei numa situação que me perturbou terrivelmente. Não sou supersticioso, mas há uma coisa que, inexplicavelmente, abomino: chapéus em cima da cama. A Clarisse tinha pousado o meu chapéu na cama. Sabendo perfeitamente que eu não suporto isso.

Temos um cabide nesse quarto e é lá que penduro os meus chapéus, todos, tenho vários, comprados em diferentes países, de feltro, de pele, de lã, de Marrocos, do Paquistão, de Nova Iorque.

Deixei-o ficar, pois achei que deveria ter sido uma distração da Clarisse e que quando ela reparasse o tiraria daquele lugar aziago (apesar de eu não ser nada supersticioso).

Acordei na manhã do dia seguinte com uma enorme enxaqueca, desde as têmporas até à nuca, a minha cabeça era uma beata a ser apagada por um sapato. Fiz um café, tomei dois analgésicos, mas não melhorou, tive vontade de chamar os bombeiros para apagar aquela dor, como é possível que caiba tanta dor em tão poucos centímetros cúbicos de crânio, enfim, quando penso nisso, percebo aquela coisa de que cada homem é um universo, se não fosse não caberia tanto sofrimento dentro da cabeça de cada um. Onde é que li que os filósofos acham que o homem é um microcosmos mas um sábio sabe que o homem é um macrocosmos? Dizem que Lewis Carroll tinha grandes enxaquecas e que foi por causa delas que escreveu *Alice no país das maravilhas*. Não eram, com certeza, enxaquecas maiores do que as minhas, qualquer dia ainda me sai uma obra-prima.

A Clarisse estava na casa de banho a depilar-se. Fiquei uns segundos a observá-la e senti que contemplava uma paisagem triste, não sei por que razão. A Clarisse estava sentada em cima da tampa da retrete, uma perna no chão, a outra levantada, com o pé descalço pousado no tampo da sanita, uma toalha turca azul-clara debaixo de si.

Os azulejos brancos, o barulho da máquina de depilação, os gestos metódicos, as cuecas brancas, o corpo inclinado, a camisa de dormir quase da cor da pele, os cabelos que lhe caíam para o colo e que ela puxava para trás da orelha (e eles voltavam a cair e ela voltava a puxá-los), esta cena, não sei porquê, deu-me vontade de chorar.

Abri as duas grandes janelas da sala e fumei um cigarro na varanda a olhar para a biblioteca do outro lado da rua. Pensei no senhor Ulme e na confissão que me fizera no dia anterior. Parecia-me impossível que um homem daquela idade nunca tivesse visto uma mulher nua, já que somos constantemente bombardeados com imagens de nudez. Apesar de se ter referido a uma fotografia, provavelmente quis dizer que nunca vira ao vivo. Mesmo assim, parecia-me difícil de acreditar.

Voltei para dentro. Os cortinados esvoaçavam com o vento quente de Julho. Aproximei-me da casa de banho, bati na porta entreaberta e disse à Clarisse que ia sair, precisava de tomar outro café, a dor de cabeça matava-me.

Quando voltei a casa, a banda chamada Orquestra Mnor, que todos os dias ensaiava no último andar, tocava e enchia o prédio de melodias. A dona Azul abanava-se subtilmente enquanto subia as escadas, noventa e dois anos de ossos a gingar ao ritmo da música, um ligeiro menear que só era perceptível tomando muita atenção. A dona Azul costuma dançar com alguns dos músicos — às vezes com vizinhos — no terraço junto à sala de condóminos. A vista é esplêndida.

As mazurcas, as tarantelas, os *standards* de jazz, os tangos, as mornas sucediam-se e parecia que as paredes

começavam a ficar encharcadas, possuídas da humidade etérea da música. Juro que vi gotas de água a escorrer até ao chão.

Nos últimos

tempos, quando sinto os lábios da Clarisse a tocarem os meus, comprovo que não têm história, já não convocam o primeiro beijo que demos. Creio que, numa relação, o beijo terá sempre de manter a densidade do primeiro, a história de uma vida, todos os pores-do-sol, todas as palavras murmuradas no escuro, toda a certeza do amor. Mas já não é assim. Agora sabem às vacinas que tínhamos de dar à cadela (já morreu), às conversas com o director da escola, à loiça por lavar, à lâmpada que falta mudar, às infiltrações no tecto, às reuniões de condóminos. Toco levemente os lábios dela e sabe-me à rotina, às finanças, ao barulho da máquina de lavar roupa. Beijamo-nos como quem faz a cama.

O tempo lá fora batia na janela, era um calor gordo que parecia querer partir os vidros com um murro espesso e entrar. Sentei-me na retrete com a cabeça entre as pernas e pensei na vida, nesse imenso tédio em que me havia afundado. Debatia-me com falta de ar, uma espécie de choque anafilático, provocado pela repetição monótona de horas, minutos e segundos.

O que é o amor, pensava eu, sentado na retrete, entre os azulejos brancos da parede que reflectiam pobremente a minha cara dorida.

Passei a mão pelo queixo, pelos olhos, senti-me velho e cansado, pronto a desistir. O espelho provoca em mim o estranho efeito de por vezes me dar a violenta estalada da realidade, por outras elevar-me à dimensão do sonho, da ficção, de uma verdade essencial que se deposita cá dentro e que, por timidez, evita sair senão em momentos de alguma intimidade. Naquele dia, o espelho limitou-se a mostrar um homem deprimido. Mas resistirei. Não posso aceitar qualquer reflexo que me seja devolvido. Resistirei.

Ao passar pelo quarto de hóspedes reparei que o chapéu ainda estava em cima da cama. Resolvi não o tirar dali, a Clarisse haveria de notar que pousara o chapéu na cama e, sabendo que isso me incomoda, me transtorna, pendurá-lo-ia no cabide.

Depois de escrever um artigo que tinha de entregar no jornal, decidi levar a Beatriz ao parque. O senhor Ulme vinha da biblioteca que fica mesmo em frente ao nosso prédio, e eu acenei para o chamar.

Trazia um livro na mão, de que eu, ao aproximar-me, fiz o possível por discretamente ler o título, perceber o autor. Era de Séneca. Ia perguntar-lhe qualquer coisa sobre o livro quando de repente um carro que vinha na nossa direcção deu uma guinada forte para a direita e quase nos atropelou, não fora eu ter puxado o senhor Ulme, num reflexo, mais para dentro do passeio. A Beatriz estava atrás de mim, felizmente. O carro parou uns metros à frente, eu gritei uns insultos, uma cabeça surgiu do vidro, uma mão fez um gesto cortante junto ao pescoço, uma ameaça de degolação. Aquele homem quis matar-nos, gritei para o senhor Ulme, para as pessoas que passavam, guinou de propósito, quis matar-nos. O senhor Ulme parecia estar a rezar, murmurava qualquer coisa indistinta. Estava muito nervoso, as mãos tremiam-lhe, o queixo também. O carro arrancou. Conhece-o, perguntei, mas ele respondeu que não, e só nessa altura me lembrei de anotar a matrícula, mas era

tarde de mais. Achei aquela ameaça muito estranha e olhei para o senhor Ulme pelo canto do olho, desconfiado de que me escondia alguma coisa. Quando nos acalmámos, voltei a perguntar-lhe se não conhecia o homem. Já lhe disse que não!, garantiu-me.

— Muito bem, deve ser um maluco qualquer que nos confundiu com outras pessoas.

— Deve ser isso.

O senhor Ulme apontou para a camisola da Beatriz e perguntou:

— De que cor é?

— Amarela.

— Não.

— É, sim.

— As coisas não têm cores, isso não é uma propriedade dos objectos. — E, virando-se para mim: — Tão nova e já a cair no erro de Aristóteles. O cavalheiro não a educa?

— É amarela — insistiu a Beatriz.

— É a reflexão da luz que faz com que os objectos pareçam ter cor.

— Não é amarela?

— Não.

— É o quê?

— Isso ninguém sabe.

Em frente ao espelho consigo chegar a ser eu. Longe do reflexo que me oferece o espelho sou um sucedâneo, uma pobre imitação de mim mesmo. Em frente ao espelho há personagens, que digo?, há personalidades que me surgem, repletas de uma veracidade absoluta, algo que só a imaginação consegue fazer. Funciona assim, especialmente na casa de banho:

— As mulheres adoram-me, Kevin, caem aos meus pés.

— E que pés! Como é que consegue rematar com tamanha arte, Miroslav?

— Treino, treino, treino. Mas compensa, Kevin, porque depois as mulheres caem-nos aos pés. E porquê? Porque treinámos para sermos bons. Apontamos para um canto da baliza, a nossa vida resume-se àquele espaço, são o quê?, quarenta centímetros quadrados?, e de repente estamos a andar de iate na costa de San Lorenzo graças a esses dez centímetros quadrados, graças ao treino, ao treino. As mulheres caem-nos aos pés, às dezenas, e não estou a falar de mulheres fáceis ou prostitutas, nada de reles e sujas, Kevin, estou a falar de mulheres sérias, lindas de morrer, educadas, elegantes, algumas são conhecidas, poderia dizer nomes,

mas seria indelicado, não achas?, e tudo por causa de quarenta centímetros quadrados, um cantinho de uma baliza, algumas são actrizes, mas juro que também há diplomatas e ministras, muitas são casadas, Kevin, e ajoelham-se, meio despidas, às vezes tenho de as mandar embora...

— Hoje foi uma humilhação para o guarda-redes adversário...

— Foi, Kevin, tive pena do Farini, é bom rapaz, bom guarda-redes, é um tipo impecável, mas, sabes, isto não é só um jogo, é a vida. O Yashin, quando se atirava para defender uma bola, era alguém que se atirava de um abismo e o esférico era uma corda, se não a agarrasse morria, era assim que o Yashin se atirava, aquilo não era só um jogo, era a vida ou a morte, todos os centímetros contam, todos os milímetros contam, todas os milésimos de segundo contam. Tenho pena do Farini, mas isto não é só tentar apanhar a bola, isso até uma criança faz. Já andaste no parque da cidade, Kevin? Viste os putos a correr atrás da bola? No campo temos de ser muito mais do que isso.

— Profissionais?

— Não, Kevin, muito mais do que isso. Vida ou morte. Morro se não acerto naquele canto da baliza, aquele é o meu espaço, é o meu universo, quarenta centímetros quadrados, Kevin, é esse o tamanho do Universo.

— É do tamanho de uma bola de futebol?

— Podes crer.

Ouvi a Beatriz a chamar-me.

A Clarisse tinha ido passar o fim-de-semana a casa dos pais, no Norte. Saiu depois de jantar. Eu fiquei com a Beatriz.

— Já vou — disse da casa de banho.

A Beatriz estava a brincar no quarto. Quando me aproximei, perguntou-me:

— De que cor é esta jarra?

— Verde.

— Não. Ninguém sabe de que cor são as coisas.

Ri-me e disse-lhe que tinha de ir para a cama, já passava das dez.

De manhã muito cedo, ainda não eram oito, acordei com alguém a bater-me à porta, várias vezes, com violência, um murro atrás do outro. Estava de roupa interior, por isso corri para a casa de banho para vestir um roupão e depois para a porta. Espreitei, percebi quem era, mas estava nervoso por ser acordado assim, sentia-me pateticamente tenso, com os músculos a endurecerem, o coração a palpitar, palpitar, palpitar, os olhos a ficarem enevoados de fúria. Era o senhor Ulme. Abri-lhe a porta. Ele estava visivelmente transtornado, gesticulava muito, as mãos de dedos longos agitavam-se, eram ramos ao vento.

Durante anos praticamente não falámos, não tínhamos qualquer proximidade além daquela que as construções modernas impõem, e, de repente, ele agia com uma intimidade desconcertante. Disse-me:

— Como é possível? O Universo está desesperado, é o fim do mundo em chamas, a mais perversa escatologia.

— O quê?

O senhor Ulme pegou numa folha de jornal e mostrou-ma. As parangonas anunciavam várias crianças mortas em Gaza.

— Tenho vergonha do mundo — disse ele. — O que é que se passa?

— Parece que andamos um pouco anestesiados em relação à tragédia, mas talvez o senhor não se sinta assim, e quando ouve aquilo que é, na verdade, tão banal, acontece o tempo todo, se sinta preocupado.

— Preocupado? São crianças, bombardeiam crianças, os sátrapas. Altitude!

— Altitude?

— Sim, as pessoas não têm altitude.

O senhor Ulme sentou-se e levou as mãos à cabeça. Perguntei-lhe se queria um chá. Recusou. Um bolo? Recusou.

— Sabe porque não somos felizes? — perguntou ele.

— Desespero, solidão, medo?

— Não. Por causa da realidade.